

# Bancos americanos não dão importância à advertência

EDGARDO COSTA REIS  
Correspondente

WASHINGTON — Banqueiros americanos minimizaram a advertência feita ontem pelo Presidente do Banco Internacional de Compensações (BIS), Fritz Leutweiler, para que o Brasil pague até sexta-feira a parcela de US\$ 400 milhões do empréstimo concedido, ao País, cujo prazo de vencimento já foi prorrogado duas vezes.

Segundo esses banqueiros, o "BIS não vai declarar jamais o Brasil em inadimplência" e um deles, representante de um dos dez maiores bancos americanos, ficou bem próximo de afirmar que a advertência teria sido sugerida pelo próprio Governo brasileiro "para colocar na linha aqueles ainda dispostos" a um programa econômico mais rigoroso.

O Ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, teria mantido conversações no fim de semana com o Presidente do BIS e com o Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière. Porta-voz do FMI disse ontem não ter condições de confirmar o encontro. "Mal sabemos de suas reuniões aqui, quanto mais na Europa", esquivou-se.

O Brasil, segundo o mesmo banqueiro, estaria trabalhando agora em conjunto com o BIS e o próprio FMI num programa comum de "ações corretivas". Essa estratégia da advertência ocorreu no caso de outros países, que ele evitou identificar.

Entretanto, a mesma fonte reconheceu que o BIS sempre foi relutante em fazer tais tipos de empréstimos como os concedidos ao Brasil, que não foram pagos no vencimento por estarem vinculados ao desembolso da segunda parcela do empréstimo stand-by do Fundo Monetário.

— Não está fácil ser otimista — comentou um banqueiro de Nova York — mas o BIS não vai declarar o Brasil em default (inadimplência), concluiu.

Existem rumores, segundo essas mesmas fontes, de que algumas mudanças já estariam ocorrendo nas negociações em andamento no Brasil com a missão do Fundo Monetário. Mas, o Governo brasileiro precisaria de uma advertência internacional, do tipo feito pelo BIS, "de maneira a colocar na linha algumas forças opostas dentro do País".

Devido à falta de um acordo entre o Brasil e o Fundo, as negociações paralelas que o País vem mantendo junto à comunidade financeira também estão meio paralisadas. Os planos até agora, e transmitidos muito superficialmente aos demais bancos, contemplam novos empréstimos entre US\$ 3 bilhões e US\$ 5 bilhões, com a cifra de US\$ 3,5 bilhões sendo a mais comentada.

Mas os banqueiros fora do grupo coordenador liderado pelo Citibank não parecem dispostos a entrar com esses novos recursos sem uma reestruturação paralela da dívida.

— Meu banco não dará nem um tostão a mais a curto prazo sem uma estrutura acordada para resolver a questão da dívida em geral. Existe um número significativo de pessoas influentes (nos Estados Unidos) reconhecendo que existe um grande problema nesta segunda onda da crise financeira — acrescentou a mesma fonte, assinalando que não só a dívida de 1982 e 1983 devem ser reestruturadas, "mas até 1986, e no mínimo em 20 anos, porque ninguém tem condições para pagar" — afirmou.

E citou o caso brasileiro, "onde é que o Brasil vai conseguir US\$ 10,5 bilhões?", perguntou ele, lembrando os US\$ 3,5 bilhões deste ano e os US\$ 7 bilhões, pelos cálculos mais otimistas, que serão necessários no próximo ano.